FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ

Lorene Louise Silva Pinto

(Entrevista)

Ficha Técnica

Projeto de pesquisa – Saúde Coletiva, Medicina Preventiva e Saúde Pública - História e Memória

Entrevistada – Lorene Louise Silva Pinto (LL)

Entrevistadores – Tania Fernandes (TF), Eliene Rodrigues (ER) e Joel Nolasco (JN)

Data – 07/06/2016

Local – Salvador/BA

Duração – 1h32min

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

PINTO, Lorene Louise Silva. *Lorene Louise Silva Pinto. Entrevista de história oral concedida ao projeto* Saúde Coletiva, Medicina Preventiva e Saúde Pública - História e Memória, 2019. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2023. 42p.

Projeto: História da Saúde Coletiva no Brasil

Entrevistada: Lorene Louise Silva Pinto

Data: 07 de junho 2016

Local: Faculdade de Medicina da Universidades Federal da Bahia (UFBA)

Entrevistadores: Tania Maria Fernandes (coordenadora), Eliene Rodrigues (bolsista) eJoel Nolasco (bolsista)

Legendas: trecho inaudível: [?]; pausa: [...]

TF: Entrevista Lorene Louise Silva Pinto, na Universidade Federal da Bahia, para o projeto: A Saúde Coletiva na Universidade Brasileira, no Instituto de Saúde Coletiva da UFBA, desde suas origens no Departamento de Medicina Preventiva da UFBA. Desenvolvido pela Casa de Oswaldo Cruz e o Instituto de Saúde Coletiva. Entrevistado por Tania Fernandes e Joel Nolasco e, [vozes sobrepostas] Eliene [Rodrigues].

TF: Bom, Lorene, como eu estava falando para você, entrevista vai desde que você se formou em Medicina, como é que foi seu curso, como é que você foi cair nesse mundo de Saúde Coletiva?

LL: Parar no Departamento?

TF: É, como é que foi a sua trajetória? Você fique à vontade e vai falando conforme a gente [...]

LL: Na verdade eu não fiz a minha graduação na Universidade Federal da Bahia. Eu fiz o curso de medicina, eu formei, eu sou da turma de 82, da Escola Baiana de Medicina e Saúde Pública. E assim, e aí tem coisas que não se explica muito. A partir do, do final do 3º para o 4º ano, eu ainda na baiana, nós tínhamos um grupo de colegas, éramos vinculados ao Movimento Estudantil, atuávamos no diretório acadêmico, e começamos a construir um vínculo com os colegas da UFBA, dos mesmos [...] contemporâneo nossos, e aí eu comecei a frequentar algumas sessões do Professor Jairnilson [Paim], no antigo departamento, na antiga sede ainda lá no ambulatório, lá da ladeira eu ainda virando do 3º para o 4º ano de medicina. Então assim, era um encantamento, mas você sentia que era uma coisa que já tava muito no perfil de toda essa turma. Tanto que todos fomos pra Saúde Coletiva. Essa turma que, começou a se engajar no Diretório Acadêmico, formamos em medicina. Eu fui residente de clínica depois, depois que eu fui pra área da Saúde Coletiva propriamente dito,

mas desde a graduação, eu já me interessava pela temática, pela discussão dos determinantes sociais pelo processo de saúde e doença, entendendo que era muito mais do que o biológico para se adoecer. Então eu já tinha uma afinidade com a discussão, que eu acho que até antecedia a minha inserção no curso de medicina. No interesse pela, pela área. Então, eu fiz a graduação, e ao concluir a graduação, eu me empolguei muito, com a questão do controle de doença, da epidemiologia aplicada à saúde [...] ao serviço de saúde, frequentava muito o nosso hospital de infectologia de referência, então eu dizia não: eu quero ter uma base sólida da clínica, mas eu quero me debruçar sobre as estratégias de controle das doenças que acometem as pessoas, e foi o que eu construí. Então 83 eu fiz o R1 de clínica, e ao final desse período, eu já me debrucei sobre a residência de Medicina Preventiva e Social, como uma meta mesmo. A ponto de [...]

TF: Você fez duas residências?

LL: Fiz, eu não conclui a de clínica, que eu já vinha fazendo clínica desde o 4º ano, fiz o internato todo em clínica e fiz o R1 de clínica. E aí disse, a partir daqui, eu vou me debruçar agora que eu quero outras ferramentas para essa, pra essa trajetória minha. E aí fui atrás da residência da preventiva e social, e foi quando eu cheguei ao departamento, em 84, na verdade. Eu tava saindo da residência de clínica e cheguei lá na residência de medicina preventiva e social, e comecei a interagir já com o grupo nesses anos 80, com o departamento de preventiva. E nisso, durante a residência, eu me inseri, em várias com vários grupos, provavelmente o grupo da epidemiologia, e também atuava com o grupo das políticas de saúde, professor Jairnilson [Paim], Carmem Teixeira, Eliane Cardoso, que está na UNIFESP hoje, Vera Formigli, Lígia [Vieira] e eu comecei a apoiar esses professores em algumas disciplinas do curso de graduação. Então, ao final da minha residência, lá em, eu fiquei em 84, 85, início de 86, eu comecei a participar de um projeto com o professor Eduardo, logo já como egressa da residência, eu já, já atuava como médica na secretaria de saúde, eu tinha feito já esse concurso anterior, e continuei frequentando o departamento, mesmo depois da residência. No final de 86 surgiu a oportunidade de uma seleção para professores colaboradores, do departamento.

TF: Mas aí, antes de você entrar na universidade recupera um pouquinho a SESAB.Você fez concurso para SESAB, como é que foi sua entrada?

LL: Médico clínico é meu vinculo lá até hoje. Eu num, num, até esse momento eu era

médica da secretaria, eu atendia [...] atendendo pessoas.

TF: Você assim que se formou, fez prova, fez concurso [...]

LL: No ano seguinte. 83 eu já ingressei o Estado como médica, clínica, quando eu ainda tava nessa residência de clínica, que é o meu vínculo até hoje, inclusive lá, de médico clínico, apesar de eu ser [...]

TF: Aí você trabalhou em posto de saúde como é que foi seu trabalho lá?

LL: Não eu fui direto trabalhar, é no serviço médico do Estado, como clínica, atendendo aos trabalhadores. E daí, em 88, quando Luiz Umberto [Ferraz] foi ser secretário de saúde do estado, Glória Teixeira, foi começar a conceber a área de vigilância em saúde que era uma área de interesse e eles sabiam disso também, então eu me transferi do serviço médico do Estado para construir a gerência de vigilância epidemiológica com a equipe de Glória [Teixeira], na gestão de Luiz Umberto. Isso já foi 87, 88. E aí eu me inseri na secretaria de saúde mesmo, nesse campo da vigilância, que aí foi minha trajetória, até agora. Construímos uma área importante de controle de doenças, juntamos as vigilâncias todas, toda a reestruturação que a secretaria passou eu estive envolvida. Sempre nesse campo da vigilância e saúde. Então consolidamos a epidemiológica, trouxemos para junta sanitária, criamos a área da saúde do trabalhador, que já vinha sendo, gestada com a cooperação italiana desde os anos 80, então nós fizemos o guarda- chuva da vigilância e saúde em uma abrangência, inclusive o Laboratório Central de Saúde Pública passou a fazer parte desse guarda-chuva conosco.

TF: Essa cooperação italiana, como era essa cooperação?

LL: Era com uma associação, a AIFO [Associazione Italiana Amici di Raoul Follereau], que ainda foi numa época anterior a Luiz Umberto [Ferraz], que a secretaria fez a cooperação, sob Reforma Sanitária ainda dos anos 80, eles cooperaram e ajudaram o Estado, a Secretaria Estadual de Saúde, a criar a área da saúde do trabalhador aqui. Inclusive [...]

TF: Tinha a ver com [?], alguma coisa assim, não?

LL: Não. Não. Era muito com esse grupo da Itália, Renato [?], teve aqui, depois foi pra OPAS [...] Foi esse apoio que surgiu que consolidou e fez nascer o CESAT, que é esse

Centro de Estudos da Saúde do Trabalhador nosso. Então a partir daí, eu já vinha vivenciando o serviço com o Estado. Suspendi 1 ano de trabalho no Estado para me dedicar à conclusão da residência, mas aí já foi no final da residência, 86. Eu já estava, nisso eu já estava quase no 4º ano de médica do Estado, e quando eu concluí a residência foi a coincidência, eu concluí a residência, a chamada da secretaria para eu ir ajudar com Glória [Teixeira] lá na gestão de Luiz Umberto [Ferraz], a montar essa área de vigilância e controle de doenças, programa de imunizações. E o convite, e aí foi muito, eu credito muito isso a professor Eduardo Mota, porque ele dizia assim: não, foi um ano que a universidade abriu para fazer seleção para médicos e para docentes, colaboradores. Aí Eduardo dizia: não Lorene, seu talento você tem que vir para carreira docente. Eu já vinha apoiando ele em algumas atividades nas disciplinas, ele, faça pelo docente. E os meus colegas diziam: você vai fazer opção pela pobreza, e os dois que entraram comigo, inclusive Jorge Solla, que foi secretário do Estado, nós éramos do mesmo projeto com Eduardo, inclusive. Eu, ele, Rosana [Aquino], [Maria] Guadalupe, aí eles entraram com o vínculo de médico e eu fui à única que fiz a opção pela carreira docente. E ai tinha essa, essa curtição na época. Porque sempre quando a gente comparava o salário de professor com a mesma carga horária do de médico, o de médico era o dobro. Aí eles diziam: está vendo a opção que você fez? Aí Eduardo dizia: não, mas o talento dela é para isso, é para docência, deixa ela fazer. E aí eu entrei. Então em março de 87, ou seja, desde que eu entrei na residência em 84, eu não saí mais, de lá. [risos] Aí em 87, em março, eu já assumi como professor colaborador, no departamento, na disciplina de Saúde Pública e medidas de profilaxia, que era a disciplina que atuavam Jairnilson [Paim], Carmem [Teixeira], tanto que eu dizia, eu digo oh: eu, a caçula daqui com todas as referências que eu tinha da área, para mim era uma beleza. [riso] Trabalhando com eles o tempo inteiro, então foi um tempo muito bom, essa época da gente junto. Muito aprendizado, porque ali era um poço, quer dizer, eu não vou sair mais daqui então, você cria, vocês começaram a me criar nesse campo e vão me aturar aqui até o fim.

TF: Aí você ficou na SESAB e na universidade [...]

LL: Fiquei na SESAB, porque aí eu assumi como docente 20 horas. Eu tinha 20 horas de médico lá. Então eu continuei atuando na vigilância na secretaria, e o que foi muito interessante porque, tinha tudo a ver com o que eu ensinava que era saúde pública e medidas de profilaxia, eu já assumia na disciplina, essa parte da vigilância sempre. Então

foi muito interessante como também a gente facilitava a questão dos campos de prática dele, dos alunos presenciarem a aplicação mesmo das tecnologias que a gente usava para isso, e aí eu me inseri nesse grupo [...] Só que o vínculo de professor colaborador ele não me permitia progredir na carreira. Então eu fiquei de 87 a 92, quando surgiu o concurso público para o plano de carreira docente das universidades federais, foi depois de muito tempo, foi o primeiro grande concurso que nós tivemos, então vários da minha geração conseguiram, entrar nesse concurso de 92, foi quando eu fiz o concurso. Foi o mesmo concurso de Vilma Santana, Pedro Prata. Nós entramos no mesmo concurso, inclusive. Nós fizemos que tinha muito tempo sem fazer, então juntou algumas gerações nisso. Aí a gente fez esse concurso, foi o concurso que nós fomos aprovados, foram 08 aprovados, esse concurso teve uma validade de 04 anos porque ele foi renovado. Então entrou gente de 92 a 96.

TF: Você entrou em 94?

LL: Eu entrei em 96, nesse 2º vínculo, então eu fiquei como colaboradora [...] de 87, até, julho de 96. Que era, a reitora nossa, era Elaine Azevedo e ela, ela revalidou. Porque eram muitos aprovados na UFBA, então ela disse: não há necessidade de abrir um novo, então há a possibilidade de renovar por mais 02 anos. Então, conseguimos só uma pessoa não foi, não houve tempo hábil de ser nomeado nesse concurso, foi um colega que ele, é pesquisador na Fiocruz em Brasília, que foi o último. Nós ficamos todos professores desses concursos nós fomos admitidos. Nomeados em 96. E aí, em 96, já estava ocorrendo a criação do Instituto. Quer dizer, entre 94 e 96, eu fiquei um tempo, cedida na secretaria na gestão do secretário, que era um ex-professor da universidade, professor Zé Maria de Magalhães Neto, eu fiquei lá. Eu fui gestora por 12 anos dessa área de vigilância e saúde no Estado, e nesse período da transição inclusive, eu estava cedida. Foi de 95, dezembro de 94, foi quando ele me chamou a gestão dele começou em janeiro de 95, eu fui assumir, e aí eu passei assim, vivenciei em parte o processo, porque em janeiro de 95, eu assumi o cargo da secretaria cedida do meu vínculo da universidade pra ficar lá 40 horas, eu terminei minhas tarefas de semestre com os estudantes de graduação, com os residentes e fiquei integralmente na secretaria de 96 a 2002.

TF: Nesse momento, quer dizer, estava sendo, estava no auge da Reforma Sanitária e dentro dela, pelo menos aqui na Bahia estava sendo gerado, gerenciado, gestado, digamos

assim, o Conselho de Saúde Coletiva. Quer dizer, como é que você vê esse conceito?

LL: Na verdade [...]

TF: Como é que você vivenciou isso?

LL: É como eu lhe digo [...]

TF: Essa conceituação [...]

LL: Muitas leituras, porque no final de 95, quando as discussões começaram dentro do departamento e aí o departamento, foi um departamento que cresceu muito dentro da Faculdade de Medicina. Chegou um tempo em que nós éramos um dos maiores, não era o maior, mas éramos um departamento relativamente grande com quase 30 docentes. Hoje temos departamentos maiores com 50 professores porque para universidade a unidade de único curso com maior número de professores é lá, nós somos 225, hoje, ativos, mais do que a politécnica, que tem 11 engenharias, e isso o departamento começou a crescer essas discussões começaram a surgir, já a questão do campo, para onde, que rumos essa área vai tomar, então foi uma discussão que eu vivenciei ainda o início dela ainda em 95. No início, no final de 94, porque assim, nós tínhamos uma cultura que mantemos ainda nesse departamento até hoje, dos Seminários de Avaliação e Perspectivas, os SAPs, que a gente chamava. Então vários momentos de SAPS, essa discussão já se colocava, quer dizer, o desmembramento, a saída dessa área de dentro da medicina, porque, já era uma área muito interdisciplinar, multiprofissional, então essa discussão sempre perpassava os seminários de avaliação do departamento, e em algum momento a gente percebia que, coisas iam acontecer, porque, já tinham grupos avançando em propostas de construção de outra estrutura, de órgãos suplementar, que não existia naquela época, então vários caminhos foram sugeridos e pensados. Estamos crescendo para onde vamos, o que queremos ser? Queremos continuar sendo um departamento dentro da medicina ou não. Sempre um grupo tendendo a isso, o que deu, foi exatamente isso, a permanência ainda de um núcleo dessa área dentro da formação médica, porque sempre teve um grupo que tensionou pelas mudanças na formação, é que sempre traziam os questionamentos importantes da relação com a formação com a necessidade da população, enfim. Então, isso, eu peguei todo esse início das discussões, mas no momento da deliberação final, do que ser do que criar eu não estava presente. Eu acompanhava mais a distância. Mas assim, a ideia, da [...] até a questão do conceito da discussão, do conceito da Saúde Coletiva ou não, permanecer a Medicina

Social, ou a Saúde Pública, e a gente sabe que as distintas conjunturas desse movimento, da construção da História da Saúde Pública no Brasil, isso também tinha a ver com, com várias questões. Não era só um desejo de um em trazer a nomenclatura. São movimentos que por trás dos conceitos tem toda uma história, das intervenções e da própria concepção do que é o campo. E isso, eu ainda considero que isso é um espaço de conflito. Isso não é uma coisa resolvida dentro da área, da nossa área. Isso é uma coisa ainda que o próprio departamento preferiu continuar como Departamento de Medicina Preventiva e Social, dentro da Faculdade de Medicina e, o instituto já nasce com o nome de Instituto da Saúde Coletiva, com todos os argumentos que estão aí escritos, principalmente por Naomar [Almeida Filho] e Jairnilson [Paim] que fizeram toda essa argumentação, que eu acho que tem tudo a ver. Eu acho que tem também o saudosismo de algumas expressões, nesse processo, e aí foi muito do grupo que permaneceu no departamento eu acho que, não querer mudar o nome, mas garantir que isso não impediria nenhum avanço no sentido do conhecimento nem das concepções, mas garantir que esse nome permanecesse na faculdade que, a existência do departamento, isso é uma coisa que eu também concordava, na época, eu tinha feito uma opção inclusive em ir para o instituto, mesmo afastada, eu fui chamada pelo grupo em algumas reuniões, e me colocar em que espaço eu queria permanecer dentro da universidade, eu tinha feito, uma opção inicial, em ficar no, assinei o documento inclusive, de criação do instituto, e eu não estava ainda nomeada ainda no concurso novo, que só foi 96. A minha nomeação. Eu estava até então até 95, de professor colaborador. Que foi quando a gente construiu esse documento, eu me coloquei, até porque eu já vivenciava o grupo, que Eduardo [Mota] coordenava, da pesquisa, então eu disse não: eu não vou me desmembrar de um grupo que eu me sinto organicamente inserida que é toda a minha prática está aqui dentro, e não tinha porque eu fazer isso. Então eu fiz essa opção, assinei o documento com eles, quando foi em julho de 96, eu ainda cedida ao Estado, saiu a nomeação, já com plano de carreira, eu tive que me apresentar, e quando eu busquei fazer essa apresentação, para minha surpresa, a direção do instituto disse que eu não poderia ser nomeada para o instituto, porque eu tinha feito um concurso para o Departamento de Medicina Preventiva e Social em 92 e que eu teria que ficar no departamento porque o instituto era uma nova unidade da UFBA, onde não caberia mais a minha nomeação para lá, eu teria que ficar no departamento. Aí eu fui conversar com o departamento. Como eu não tinha problema, com nenhum dos 02 grupos, eu fui conversar com o departamento, coloquei a resposta que eu tinha tido do instituto, porque no nosso entendimento [...]

TF: Você não poderia ter nomeação para o ISC, porque mesmo?

LL: Não, porque era uma outra unidade da universidade, e eu tinha feito concurso pro departamento. Aí fizemos consulta jurídica, mostrando que, como era, nossa estrutura era pelo campo do conhecimento [...] eu poderia estar, ser nomeada para um lugar ou por outro, que originalmente, o instituto veio do departamento. Então não tinha legalmente isso não era impeditivo. E eu mostrei isso inclusive, na época, professor Naomar [Almeida Filho] era o diretor do instituto, porque eu disse a ele, eu não achei justa a posição porque eu fiz a opção por estar aqui, na hora da nomeação do concurso para o plano de carreira, o instituto dizer que eu não poderia ser nomeada pra cá, que eu teria que ficar no departamento que foi a origem do concurso. O departamento me acolheu e aí, teve uma certa mágoa nessa relação. Porque eu tinha feito a opção, eu assinei o documento para o nascimento do instituto no grupo que eu estava inserida, e no momento em que me efetivo no plano de carreira, o instituto me responde. Eu provoquei inclusive uma reunião na época da, do colegiado, dirigente do instituto, e manifestei pra eles a minha insatisfação, porque eu disse, olha: eu não acho justa essa postura, levei até o procurador e o procurador disse que não haveria nenhum impedimento, de eu ficar lotada aqui ou no departamento, e depois de mim, ainda tinha esse outro colega a ser nomeado, que terminou não dando tempo, porque o concurso logodepois venceu a validade [vozes sobrepostas] o tempo dele.

TF: Quem é?

LL: Era Antônio José Cardoso, Toinho, que ele está lá na Fiocruz.

TF: Está na Fiocruz.

LL: E aí, eu disse: tudo bem, se vocês acham que não cabe aqui, vou deixar claro para vocês que não há impedimento legal, porque eu fiz a consulta jurídica. É uma coisa, deliberação de vocês, não querem porque vocês tão querendo a vaga, porque eles tinham a vaga para receber, vocês querem a vaga para uma outra coisa. Para fazer outro concurso para trazer outras pessoas. Então, eu vou para o departamento, sem nenhum problema. E fui, e fiquei até hoje.

TF: E não era uma vaga só pra um, um para outro.

LL: Não. Eles tinham uma vaga e poderiam me receber, uma nomeação. Como o departamento também tinha, só que o departamento, estava tão já ciente, de que eu não iria

pra lá, por eu ter me envolvido, com essa criação do instituto, ter assinado o documento endossando a criação do Instituto de Saúde Coletiva, que eles disseram, quando eu apareci lá, eu, a chefe de departamento me disse: poxa Lorene, é até uma surpresa pra gente. Claro que a gente vai lhe querer se você vier pra cá, mas eu não esperava que você viesse, eu já estava acreditando que você ia pra lá, e que Toinho [Antônio José Cardoso] ia ser chamado, e a gente ia receber Toinho [Antônio José Cardoso] aqui. Porque, você tinha feito esse compromisso com o grupo lá do instituto, no entanto a resposta que eu tive de lá foi essa, e eu já voltei lá e conversei e isso já foi resolvido, do ponto de vista até afetivo, mas eu passei um bom tempo magoada. Porque, eu fiz todo um esforço, ainda com o vínculo que eu considerava que era um vínculo precário de professor colaborador, de me firmar com o grupo de [...] sempre fui muito comprometida com meu trabalho lá e dedicada, e assinei o documento junto, e na hora que eu pude entrar de numa outra forma, eles disseram que a vaga ia ser utilizada para um outro concurso, para uma outra pessoa entrar, então quem me acolheu, foi o departamento, do qual eu voltei às origens. [risos] Que é onde eu fui formada, enfim. E a história do vínculo foi exatamente essa, então eu me inseri no departamento, assumimeus compromissos que eu estou até hoje.

TF: E que área de conhecimento você ficou dentro da saúde coletiva?

LL: Eu fiz o concurso para epidemiologia.

TF: Epidemiologia.

LL: Foi o mesmo concurso: Eu, Vilma [Santana], Pedro Prata, Paulo Pena, Susan [Pereira] ...

TF: Aí você ficou nessa área da epidemiologia dentro da [...]

LL: Só que eu tenho um pouco de versatilidade dentro da área de minha formação. Então eu vou para epidemiologia, mas ao mesmo tempo [...] Trabalho com a política de saúde, porque a minha atuação na epidemiologia não é muito na pesquisa, ela é muito aplicada a intervenções do sistema de saúde então, é a questão do controle de doenças, das intervenções, das aplicações, é muito o meu campo de atuação. Então isso também, me dá muita flexibilidade na atuação. Então, eu me inseri no departamento, assumi os compromissos, e aí fui tocando. Em 2002, construímos um internato que não existia nessa área, no curso de Medicina. Eu implantei e coordenei esse internato até 2007.

TF: Quando você foi para lá tinha só residência porque o mestrado foi [...]

LL: Nós tínhamos 02 residências na verdade. Nós tínhamos, porque toda pós-graduação ficou com o instituto. Nós ficamos com as residências médicas, a de Medicina Preventiva e Social e a Medicina do Trabalho, que a gente criou logo depois. Que temos até hoje inclusive, o programa. A de preventiva a gente resolveu acabar e começamos a investir nas residências de família e comunidade junto com a secretaria de saúde, onde também fiz parte, o tempo inteiro, como preceptora, coordenei o internato, coordenei estágio rural dos programas de residência, ou seja, comecei a reconstruir a minha agenda, quer dizer, o ambiente de trabalho do departamento para mim, foi uma acolhida muito importante porque, mesmo ele reconhecendo... Porque como eu não tinha nenhuma questão pessoal com nenhuma das pessoas, então eu me senti muito bem acolhida pelo departamento. E também defendi que a faculdade se mantivesse com o núcleo da saúde coletiva, porque eu acho que a gente sempre teve essa história lá dentro, que a gente sempre questionava as questões da formação, e afinidade com o Movimento Estudantil e com os estudantes, sempre foi um dos espaços de acolhida deles dentro da faculdade, mas isso não me impediu de reafirmar a necessidade da criação do instituto e assinar com eles também. Então a minha chegada no departamento foi muito tranquila. E assim... e terminou dando no que está dando. Eu tive a oportunidade depois de ser convidada pelo instituto para abrir semestre. Lá no instituto, o semestre letivo, no Instituto de Saúde Coletiva, convite de professora Glória [Teixeira], professor Eduardo Mota e relatei isso publicamente lá. Olha, eu não se eu tivesse ficado, tem coisas que acontece que a gente não explica muito. Então assim a minha relação com os professores do instituto nunca deixou de existir, pelo contrário, eu gestora da secretaria de saúde, nós criamos os mestrados profissionais na área da saúde juntos. O primeiro foi em 2001, eu estava na gestão na SESAB a gente construiu toda essa formação especializada profissional no campo da saúde, com o instituto, porque o departamento não tinha esse suporte. Então, eu sendo do departamento eu busquei no instituto esse recurso e fizemos juntos todas as turmas até hoje, os mestrados profissionais nessa área, nasceram em 2001, no projeto de parceria que a gente fez, então assim, eu também nunca me eximi, no lugar que eu estivesse onde eu identificava que era o melhor espaço de cooperação para aquilo, eu ia atrás e fiz, como faço até hoje. Então mesmo sendo do departamento, mas era o instituto que tinha o domínio, nós vamos fazer juntos, e fizemos a vida inteira. Quando é com o departamento faz, quando é com o instituto faz, ou outras

unidade da UFBA, enfim. Então eu acho que, segundo alguns colegas meus lá mesmo dizem, eu acho que você deu a volta por cima, porque poderia ter criado um outro clima, eu digo, não, mas eu não acho que foi depois, eu já vinha construindo isso antes com vocês as relações que a gente estabeleceu. Eu acho que permitiu dar esse rumo ao trabalho e a minha participação. Então, todos os professores que eu tenho vínculo, ou de participar de projeto das bancas, ou me convidarem para alguma coisa continuou acontecendo. Apesar de que no início, eu fiquei um pouco resistente, porque logo depois desse episódio quando professor Naomar [Almeida Filho], depois de me dizer que não, que o departamento..., que instituto tinha deliberado que aquela vaga ia fazer um concurso e não me acolher, ele me encaminhou uma carta, me convidando a participar do programa de pós-graduação do instituto e eu não, eu não fui. Eu tenho essa carta até hoje, eu não fui, inicialmente, porque logo no início teve a mágoa, claro. Eu resolvi isso com eles, mas eu acho que eu fiquei um pouco aborrecida, porque eu acho que não era essa a expectativa minha em relação, ao meu comportamento anterior para com o grupo. Mas enfim, acho que isso passou e eu já voltei lá, como eu digo, permaneci os vínculos de trabalho, de amizade com vários... de convites. Continuo indo lá, para todas as bancas que precisam, para discutir nas disciplinas. Sempre, Glória [Teixeira] chama, Eduardo [Mota], Lígia [Vieira]. Jairnilson [Paim], também com a gente, eu convido eles vão, sem nenhuma dificuldade. E aí a gente foi caminhando. Eu acho que o instituto é uma unidade importante na universidade, para Saúde Coletiva no Brasil. Eles sabem disso, sempre, sempre que possível prestigiam em todos os lugares, como a gente faz isso, porque eu acho que isso deve ser reconhecido, tem um mérito. Como também considero importantíssima a permanência do departamento na faculdade, que até hoje continua sendo o foco de resistência das questões difíceis da formação. É quem questiona, é quem demanda determinados movimentos internos, por exemplo, a questão das mudanças do currículo. Eu assumi a comissão da formação curricular na faculdade.

TF: Quando?

LL: A coordenação disso. Em 2002 com o professor [Manoel] Barral, na diretoria, continuou usando o professor Tavares, eu mesmo lá e cá, eu sempre conduzi isso, de implantar as mudanças no internato, nós começamos a mexer no curso em 2002, fazendo o internato rotatório nas áreas básicas, incluindo saúde coletiva como um dos modismos, no 5º ano. Então assim, com o apoio de alguns professores também. Uma parte da residência

no início, a residência multiprofissional ficou com o instituto, nós ficamos com a médica, e eu fiz várias parcerias com minhas colegas lá, com Rosana [Aquino], com [Maria] Guadalupe, com Ana Luíza, por conta das residências então, essas construções foram sendo feitas ao longo desse percurso. Como eu continuo achando, a importância de um e outro, todos 02 tem seus valores. Eu acho esses papéis que esses espaços trazem hoje dentro da universidade, no nosso caso, lá na preventiva, para formação médica e no instituto lá para a Saúde Coletiva de um modo geral, até porque nós temos 04 programas de pós-graduação também na medicina, todos são multiprofissionais, Não tem nenhum exclusivo médico já há muitos anos. Isso também facilitou o intercâmbio com as áreas, que muitos estudantes, às vezes, de nossos programas, buscam ferramentas que estão na Saúde Coletiva e os professores também se aproximam, participam, o nosso, temos um programa que é muito parceiro do PSAT, lá com Vilma Santana, na saúde do trabalhador, o nosso é PPGSAT, Saúde, Ambiente e Trabalho, tem uma parceria muito legal de trabalho também o Fernando Carvalho com ela, e os outros professores, e os pós-graduandos. Então, assim, eu acho o período das mágoas já se foram. A gente consolidou uma parceria interessante. Tem uma disciplina, inclusive, no curso de graduação em medicina que é oferecida pelo instituto, disciplina obrigatória, que é políticas de saúde, ainda se mantém com eles até hoje, que a gente entende que é um suporte importante para isso também. E começamos até a estreitar, quer dizer, os professores de política participam com a gente do colegiado, das discussões do curso, todo o movimento das reformas do curso também eles se envolveram, então, estamos transitando por aí.

[risos]

TF: E quando dividiu só um minutinho.

JN: Claro.

TF: E quando dividiu a saúde coletiva, o mestrado, a pós-graduação ficou com eles?

LL: Foi.

TF: Como é que foi essa discussão, como é que foi essa conversa, e como é que ficou o departamento sem a pós-graduação, como é que foi essa?

LL: Na verdade assim, é como eu falei, sempre fica a dor, dessa partida, mas o departamento na época também compreendeu que não tinha como dar suporte ao programa

dessa natureza. E na divisão que foi feita, porque na verdade foi um espólio, [risos] que foi discutido, o quê que vai, o quê que fica aqui. O acordo foi tudo o que for exclusivamente do curso médico ficará com vocês, exceção das disciplinas que ficaram inicialmente compartilhadas e só ficou políticas de saúde lá, porque os professores todos de políticas de saúde ficaram no instituto. E as pessoas que estavam mais vinculadas à pós-graduação com exceção de alguns, que estavam, ficaram no departamento, Fernando [Martins], Aníbal Silvany Neto, Ronaldo Jacobina, Vera Formigli ficaram no departamento. Mas a maioria dos professores da pós-graduação também estavam, e como era um curso que ia se voltar muito para as multiprofissões, e a gente ainda não tinha na medicina nessa época, o primeiro nosso que ficou multiprofissional foi em 98, que foi o medicina e saúde que foi o mais antigo, até então os nossos programas eram restritos para médicos.

TF: Para médicos.

LL: Isso também ajudou nessa decisão. A própria compreensão, entendi, que na época da discussão, o próprio departamento entendeu que as contribuições para um programa de pós-graduação, o peso tava muito maior com o grupo que estava indo para o instituto do que o que ficou no departamento. Depois com a chegada de outros, tanto é que nós começamos a pensar no PPGSAT, já bastante tempo depois, com a chegada de outros docentes no departamento. Que aí chega o Paulo Pena, Marco Rêgo, Mônica Angelim, tudo com formação nessa área do ambiente do trabalho que permitiu que o programa que ainda nem tem o doutorado, fosse criado.

TF: A saúde do trabalho não foi, foi uma opção de vocês [...]

LL: Pela formação.

TF: Pessoas que foram chegando pela formação.

LL: Pela formação.

TF: Se constituindo, os professores.

LL: Os professores. Aí o departamento fez essa opção [vozes sobrepostas] se a gente vai fazer uma opção por consolidar um programa nessa área, que na época nem tinha o PSAT ainda, a gente pode oferecer uma área, porque não ia, não foi intenção do departamento em momento nenhum, criar a disputa, pelo contrário, não. A gente vai ter que

fortalecer um campo que já está lá, e vamos criar e fortalecer um outro que ainda não tem lá. Quando Vilma [Santana] surge com o PSAT em cooperação com o Ministério da Saúde, Fernando se aproxima de Vilma [Santana] e tem essa cooperação nos programas. Que a área de saúde do trabalhador, o corpo docente estava muito mais com a gente no início do que com eles. E quando Vilma [Santana] retoma, volta do exterior começa a criar essa parceria com o Ministério da Saúde, essa área de saúde do trabalhador, e aí o Estado entrou também a secretaria, com o Centro de Saúde do Trabalhador que é um espaço importante que é o centro de estudos, e é um parceiro importante, tanto do instituto, como do departamento nessa área.

TF: O que você ia falar?

JN: Não, a professora acabou contemplando. A senhora está falando de como foi o processo de reformulação do DMP. Mas como é que foi refazendo essas disciplinas porque, vocês ficaram com 2 ou 3 disciplinas no processo, como é que foi essa reconstituição, como é que foi reconstruir exatamente esse mestrado de Saúde do Trabalhador e Ambiente, isso? Como é que foi que departamento foi se reconstruídonesse processo?

LL: É, na verdade nós ficamos na época eram 06 professores, que ficaram no departamento para assumir as disciplinas de graduação, naquele momento, era epidemiologia no 3º semestre, saúde pública e medidas de profilaxia, que virou políticas de saúde depois e ficou com o instituto, e introdução à medicina social, que foi uma disciplina que foi criada quando a gente ainda tava junto, que ficou conosco também que era no início. Era 3º e 4º semestre, depois política no 5º e era a inserção da área no curso de graduação. Durante esse período também tem o movimento de mudança do currículo, porque hoje nós estamos em todos os semestres do curso médico, então até no internato. Então mesmo ficando o grupo enxuto, nós conseguimos ir, trabalhava também a reforma no currículo na faculdade e fomos nos organizando, mas ao mesmo tempo em que a gente foi ganhando vagas, para fazer os concursos. Que hoje nós somos 20 professores. E nós estamos, só não estávamos no 5º semestre do curso de medicina. Do 1º ao internato. Tem inserção do nosso departamento. E construir a pó-graduação que foi um desafio na verdade. Porque, era Fernando, Aníbal, só que é um programa que tem docente de 06 unidades da UFBA. Então nós temos do Instituto de Química, da politécnica, do Instituto de Física, lá da medicina de mais de um departamento inclusive, então isso facilitou. Porque Fernando Carvalho tem

uma história dentro da universidade nessa área de ambiente, de saúde e ambiente de trabalho. Então ele já tinha parcerias de grupo de pesquisa, com professores de várias unidades, da nutrição também, então ele construiu, você vê, o programa já nasce, ele não nasceu puramente preventiva, ele é, sob coordenação do departamento, mas ele já nasce com professores de 06 unidades da UFBA. Então isso também já deu uma consistência, porque sozinho a gente não conseguia não. Era trabalho duro, 06 professores para assumir tudo.

TF: No que diz respeito à parte interna, do departamento, antes mesmo de você, quando você estava chegando lá, a Rockefeller contribuía, participava, inclusive da própria construção de um ideário [...]

LL: Sim.

TF: Que fosse a saúde pública, você ainda pegou essa, parte da Rockefeller, lá?

LL: Não, eu já peguei isso no final. Quando eu frequentava o departamento ainda na sede antiga na ladeira [...] tinha mais influências disso, e a gente até como estudante, sabe que o movimento estudantil era muito. Então essa coisa da Rockefeller, a gente rejeitava muito, como estudante.

TF: Isso.

LL: Então tinha uma crítica que a gente fazia a isso e, na época, Jairnilson [Paim] com o cabelão grandão ainda, de rabo de cavalo, a gente ia pra lá discutir. Ele era um professor [...]

TF: Ele era *hippie* [...] [risos]

LL: Como é que vocês vão aceitar, quer dizer a gente olhava aquele grupo, como o grupo mais revolucionário dentro da nossa formação, ali. Era uma referência para gente, mas vocês aceitarem a se subordinar isso, é dinheiro americano, que a gente tinha horror aos americanos, então, o que eu vivi foi muito essa fase, quando já chegamos numa outra sede, que eu já entrei já como residente isso já estava, porque isso era 84 [...] Já estava em outro patamar. Com ele, eu fiz meu mestrado lá, o doutorado nasceu ... a gente ainda estava no departamento junto, foi logo nesse ano da, o doutorado, foi implantado, foi já nos anos 90. A gente foi na época da divisão, esse doutorado foi construído.

[vozes sobrepostas]

LL: Então eu já não tinha tanto essa influência, eu ouvia muito essas histórias.

TF: O doutorado foi em 87, não é isso?

LL: O doutorado já foi 90, foi 90, deixa eu ver [...] foi 90 e [...]

TF: É 94.

LL: Isso.

LL: É porque os primeiros alunos do doutorado, ainda frequentaram conosco, que foiem 94, meu último ano? Foi 90 [...] foi quando eu terminei o mestrado [...]

TF: 94, é.

LL: Estava começando o doutorado lá.

TF: Que foi quando se separou e o doutorado, foi para o [...]

LL: Foi pro instituto.

TF: Foi pro instituto. E aí, o seguinte, você acabou de falar que tem os SAPs, que eram[...]

LL: Isso, os seminários de avaliação e [...][vozes sobrepostas]

TF: Que foi uma coisa criada dentro do departamento, tinha o plano diretor que foi o primeiro em 86.

LL: Isso.

TF: Você já tava chegando aqui.

LL: Já, não. Os planos diretores a gente acompanhava porque todo SAP tinha discussãodo plano diretor.

TF: Isso.

LL: A gente fazia avaliação do plano diretor, discutia, fazia avaliação e perspectivaspara o período seguinte.

TF: Tem algum plano diretor que você destaque alguma discussão que você tenha acompanhado que você tenha acompanhado que seja [...]

LL: Não, uma coisa que a gente sempre comentava no SAPs [...]

TF: De mudança.

LL: Era assim, o quanto a gente se repetia nisso, porque tinham coisas que a gente sempre estava tensionando. Era a questão da formação, você pegava os planos diretores, tinha muito questionamento inclusive da formação médica. Porque como a gente tava inserido na escola médica, a gente se repetiu nisso vários anos, eu até resgatei uns antigos ainda, datilografados, depois dessa mudança. Eu resgatei para gente dizer assim o quanto ainda é atual ainda a nossa luta, na questão das mudanças da formação, desde os planos diretores do departamento lá dos anos 80, a gente continua tendo como pauta importante, influenciar na formação médica nesse campo. Mas assim, não lembro de nenhum específico.

TF: Mas de qualquer forma era um espaço de [...]

LL: Era, não. Se era uma coisa de organização do departamento, que eu acho que é uma estrutura, tanto lá no instituto que a gente consegue manter um pouco, essa marca da organização, do respeito às plenárias e desse ambiente coletivo, e da construção desse, da sintonia da equipe, ou seja, nós mantemos SAP até hoje no departamento. Então assim, acaba o ano letivo a gente faz o seminário de avaliação. O relatório do SAP orienta o nosso trabalho no ano seguinte. É o único departamento na faculdade que faz nesse formato até hoje. A gente resgata tudo isso, mantém as plenárias regularmente, o turno de plenária é o turno onde não tem aula nenhuma para ninguém. Então se é uma coisa da disciplina. Eu lembro que esse professor que foi o secretário que me convidou pra ir para lá, quando ele era professor faculdade nos anos 80, ele contava isso pra gente depois. Quando você entrou ainda era meu último ano da gestão, que foi 87, quando eu comecei e ele era o diretor e ele dizia: eu tenho várias diferenças ideológicas com vocês, mas eu tenho que respeitar esse departamento. Porque se era um departamento presente, comprometido, bem avaliado pelos estudantes, que tinha uma organização e que isso era público internamente, então ele terminava construindo um respeito interno, que nós temos isso até hoje dentro da faculdade. Então eu acho que, o fato até de eu ser a primeira mulher a ser eleita lá, do departamento de preventiva, nós somos a minoria como docentes ainda na Faculdade de Medicina. Então é uma construção que tem a ver com a história do departamento também, lá dentro. Esse compromisso com o curso de graduação, com o respeito aos estudantes. Então, eu me envolvi muito na faculdade. Então eu até comentei nessa aula inaugural que eu fui fazer a

convite de Eduardo e Glória, eu digo: eu tenho que confessar uma coisa para vocês, se eu tivesse ficado aqui com vocês, tem coisa pro bem e por mal. Se eu tivesse vindo para aqui, para o instituto ficar com vocês, eu não teria conseguido fazer o que eu fiz, para o curso médico e para faculdade de medicina, porque eu me enfiei lá com a coisa da formação do currículo, e terminei me envolvendo com os todos departamentos, eu chamava, tinha essa, tive também um apoio importante da diretoria, tanto de [Manoel] Barral, quanto de professor [José] Tavares, pra fazer esse trabalho. Eu terminei me envolvendo muito com os professores, com os estudantes, acho que isso me permitiu [...]

TF: Da diretoria da faculdade de medicina?

LL: Não, eu só coordenava o grupo do currículo, e representava o departamento no grupo do colegiado. Mas eu acho que esse envolvimento meu, cada vez maior, dentro da faculdade, me permitiu até a ser chamada como eles foram me chamar, da secretaria da gestão, para voltar para me candidatar a diretoria. E aí a gente teve apoio de todos os 03 segmentos. Eu e o professor [?] Que hoje é o diretor que era o vice comigo, então acho que é fruto muito desse trabalho interno nosso. O respeito que o departamento tem, é conhecido por isso, às vezes até somos tachados de chato, de não sei o quê, porque, sempre está lá, sempre tem gente. É um povo que não tem problema de cumprir horário, não precisa está cobrando carga horária de ninguém, entendeu? Reconhecido pelos professores e pelos estudantes. E esse trabalho da gente com o currículo, eu fiz um trabalho durante o meu doutorado também, que eu construí muitas evidências para necessidade de mudança do curso. Foi um, um sufoco porque foram 04 projetos ao mesmo tempo.

TF: E como é que foi essa mudança de curso, foi exatamente em termos?

LL: Nós começamos, a marca mesmo dele foi em 2007. Que a gente começou a construir isso em 2002, esse último movimento, e fomos fazendo mudanças no internato, porque as diretrizes curriculares de 2001, a faculdade não tinha feito nada ainda no curso. Então, eu fui para o colegiado com essa missão, de assumir o compromisso pelo departamento, da gente começar a propor, construímos a alternativa pelo internato, começando logo em 2002, mudando o internato já atendendo as diretrizes e fomos trabalhando por dentro. Mas aí demandou muito investimento nas outras áreas. Ai, tínhamos que construir os aliados, para mudança. E foi um pouco dessa minha tarefa interna. Com o apoio do departamento e da diretoria, eu fiquei nesse grupo que eles chamavam de transformação curricular, foi

regulamentado pelo diretor, aí eu articulava com a área educação, com os professores da educação fazendo nossos seminários, discutindo o que é currículo. Ou seja, uma construção lenta, mas que não fosse assim, a gente ainda não tinha avançado ainda o pouco que avançamos. Não transformamos o nosso currículo, eu digo sempre isso, mas a gente conseguiu fazer mudanças importantes, dar uma outra lógica para estruturação da matriz curricular, fazer a discussão do que é uma base curricular, do que é uma programação de curso, construir os conhecimentos sobre forma de eixos longitudinais durante a formação, avançando na complexidade, mas a gente já deu essa conotação no curso. Deixamos de ter coisas importantes como optativas e trouxemos para dentro do curso, e ainda assim, reduzimos a carga horária do curso. Que eu acho que ainda tem umas gordurinhas para tirar, mas assim.

TF: Dentro do curso médico a participação da [...]

LL: Da nossa, é não. Do curso como um todo, nosso curso tinha mais de 10.000 horas. Hoje ele tem 8.600 horas e eu acho que ainda pode tirar um pouco. Que ele é um curso muito carregado no semestre. A gente ultrapassa 500 horas por semestre, tranquilo todos. Tem semestre que 700 e tantas horas, então ainda tem coisa para [...] para dar uma mexida, mas esse processo todo, meu envolvimento com os colegas, com os departamentos foi o que permitiu que não era, eu não tinha nem esse planejamento na minha vida, de me candidatar e ser diretora de nada, a gente veio a construir isso, eu sempre me envolvi nesses movimentos, porque fui de comissão eleitoral, ajudei a escrever as regras da consulta à comunidade para o diretor, em 2003. Então assim, eu vivi muito, porque se é para valer, então é para valer. Para ficar aqui fazendo as coisas. Então, isso acho que foi essa construção interna que fez essa pressão muitos estudantes, professores. Eu achava até que na comunidade docente nós não, íamos ganhar em termo de voto e também ganhamos, foi mais de 60%, 92% dos técnicos administrativos querendo que a gente assumisse, e dos estudantes também, quase 80. Então isso legitimou muito. E a própria, e depois disso a conquista que a gente teve eu e meu companheiro de gestão, também foi muito importante porque não é da saúde coletiva, e ele é da pediatria, mas tem um perfil que já era o departamento mais aliado nosso. Sempre foi a pediatria, e um pouco da saúde mental, o pessoal da psiquiatria também. Eram os departamentos que tinham uma afinidade, até para gente fazer coisas conjuntos, no curso ou na residência. E, alguns seminários que a gente tinha muito participação disso, professores que mudaram de outro departamento vieram por

nosso o próprio Luiz Humberto, que era da psiquiatria na época e veio pra preventiva, então a gente já tinha essa tradição de vínculo com a pediatria e com a saúde mental, então foi importante. E o meu vice veio da pediatria também, porque ele é muito afinado com a gente também no curso, é um departamento também, muito conhecido pelos estudantes é um departamento como eles dizem: que não dá trabalho. [risos]

TF: Como que a alunado vê esse Departamento?

LL: Da faculdade?

TF: Esse conteúdo.

LL: Segunda-feira na plenária de departamento agora que eu fui lá, participei da plenária com eles, que a gente tava discutindo, mais uma vez o programa de residência, família e comunidade, e como foi uma provocação minha eu fui para plenária. E aí a representação estudantil na plenária, reiterou como eles têm no departamento um suporte, para as discussões de tudo. Desde as discussões da conjuntura política atual, né? De sentar com eles, de discutir os seminários da preparação de vivência do SUS, é com a gente que eles contam. É para organizar as atividades de extensão, a questão da atenção primária à saúde, e o Rodrigo que é o representante lá, reiterou o que, como é que o diretório acadêmico não foi assim sempre porque em determinadas conjunturas, nem sempre o diretório estava com esse grupo afinado. Mas a maioria do tempo, eu vou fazer 30 anos, ano que vem, na faculdade, a maioria desse tempo a gestão do diretório acadêmico, sempre teve no Departamento de Medicina Preventiva, um suporte para o curso, para vida deles, ah escuta, como ele dizia: quem melhor escuta os estudantes, é quem tempo para ouvir os estudantes, é quem ajuda os estudantes no movimento da extensão, desde a discussão do Sistema Único de Saúde, onde eles acham o suporte para gente fazer seminários, preparar para as viagens que eles fazem de vivências, os próprios grupos de discussão dos conteúdos curriculares. Agora a gente instituiu fóruns pedagógicos, desde que eu entrei na faculdade todo semestre a gente faz um fórum pedagógico, e se não fosse o apoio do departamento, eu como dirigente não tinha conseguido fazer. Porque a gente também faz essa articulação interna, ou seja, como fazíamos antes, é um exercício que eu acho que é, como sou cria de vocês. Então eu articulei com a chefia de departamento para rever os representantes no colegiado de curso, porque se não, você não viabiliza um fórum pedagógico com 09 departamentos como nós temos lá, a maioria achando que isso é uma burocracia desnecessária. Então eu

fui pra cada chefia de departamento, renegociar o representante no colegiado, olha, isso é o órgão principal, nós temos 01 único curso de graduação que é o curso de Medicina, são 1000 e [...] Quase 1.200 estudantes matriculados do 1º ao 6º ano, nós precisamos sim, a cada semestre instituir e discutir a questão pedagógica do curso. Então eu instituí todo o início de semestre, 02 primeiros dias é fórum pedagógico na faculdade. E onde eu estiver, eu vou no fórum. Estava na diretoria estava no fórum. Estou aqui, estou no Fórum. Estou programada dia 04 de julho, vou está lá no fórum. Então também não deixo isso me escapulir também porque isso é um compromisso com a comunidade que eu assumi. Então se não fosse essas mudanças internas também eu ia dando com os departamentos, mudar a característica do colegiado, uma professora nossa, já está renovando o mandato na coordenação do curso. Então a gente constrói também um mapa político interno para as coisas acontecerem. E isso o departamento sempre me ajudou e me apoiou, durante a gestão inteira porque eu sabia com quem que eu contava ali, quem eram os aliados para as mudanças necessárias.

TF: E você acha que essa mudança, com a sua participação, com a participação do departamento e tal mudou ou não mudou, eu não sei como está hoje. A formação médica no Brasil ele é muito especializada, muito especialista.

LL: É, mas em parte vem mudando.

TF: Pois é, vem mudando.

LL: Vem mudando. A gente se envolveu muito nesse movimento das próprias mudanças de diretrizes curriculares, em 2014, já foram publicadas outras, isso também é fruto de uma história de discussões da executiva nacional dos estudantes, da Associação Brasileira de Educação Médica, então tem uma série de coisas que nós não deixamos de participar. Enquanto representante de departamento e que sempre o departamento que mais participa disso é o nosso. Porque é quem sempre frequentava os congressos de educação médica, porque as outras especialidades, os outros departamentos, sempre acham que quem tem tempo pra fazer isso é a preventiva. Se ocupar de discutir o currículo, de ir para fórum, porque todo mundo vai para os seus fóruns de especialidade, e nós frequentamos os nossos, mas o que nos une que é a formação. Então sempre tem professor da preventiva no fórum de educação médica. Então isso também fez com que a gente contribuísse, para as mudanças das diretrizes estarem publicadas, pelas referências, instituir o teste de progresso.

O curso hoje não é o mesmo, mas não é. Nós criamos o eixo ético-humanístico. Nosso departamento abriu vagas para concurso, para professores não médicos. Então nós temos advogados, formados em bioética na área de saúde, temos enfermeiros, também formados na área de metodologia do ensino superior que é docente nosso. É o único departamento que tem professor não médico. Então o nosso é onde a gente tem [...] Tem antropólogo, tem uma socióloga, com doutorado na área de sociologia da saúde formada pela UFBA, que é docente nossa do quadro permanente. Então isso, também nos permite avançar um pouco e ousar em algumas coisas. Então nosso eixo hoje nós temos 08 componentes curriculares, 08 semestres seguidos que aí foram das mudanças do curso, que é chamado eixo ético-humanístico, ou seja, esses componentes eles acompanham o semestre para trazer discussões, do ponto de vista teórico, e também das situações do cotidiano que envolvem aquilo que eles e estão discutindo no semestre, do ponto de vista ético e bioético. Isso foi um avanço imenso no curso. E nos internatos tem os seminários de discussão, que aí já são situações, problemas que eles trazem ao longo dos que eles viram ao longo dos outros semestres. Nos 04 últimos [...] E aí, também um outro eixo que nós instituímos como trabalho de conclusão de curso que não existia. Nós criamos um, o chamado eixo de formação científica que também são 08 componentes e eles vão construindo, desde o início, desde aprender a acessar uma base de dados, buscar referências construir uma pergunta de investigação, construir o projeto, executar o projeto, no 8º semestre eles defendem o TCC, mas eles começam a construir no 1º. Então isso a gente não tinha. Nós tínhamos 02 disciplinas, de bioética no curso, que inicialmente era uma, e passou para a segunda, avançamos nesse eixo, que é, na verdade ele é um eixo que cresce na complexidade da discussão também até o 8º semestre e o de formação científica, com a construção do TCC feita por dentro do curso, nos 08 componentes, então. E essa lógica de eixo, não tem dono, ou seja, os donos dos eixos não os departamentos, têm professores de todos os departamentos. São 08 componentes, e cada coordenador pode ser de uma área diferente. No de formação científica também. Têm professores de pelo menos 08 departamentos ali, ou às vezes mais de um, depende do semestre. Não agora é fulano que vai se afastar, outra vai entrar no lugar dele, mas não é de um único departamento, não é. Então isso também, permitiu a gente criar um pouco mais através desses 02 eixos, diálogo entre as áreas. Porque esses 02 eixos eles se constroem sobre forma de núcleos. Então os professores do eixo ético-humanístico, eles, inclusive eles tem até um blog bioética, o GEBEM. É um grupo de discussão da bioética dos 08 professores, e cada um coordena um módulo. E o de formação científica eles formam um

núcleo de formação científica. E aí isso, a gente frutificou, nós construímos o nosso comitê de ética em pesquisa, que tinha anos que estava desativado, a gente retomou, quando eu cheguei lá em 2011 para 2012, e aí foi, e então são frutos, que eu acho que são frutos importantes para formação que nós não tínhamos. Os seminários de bioética também no internato e agora a gente já está discutindo a retomada nossa, do Programa de Residência em Medicina de Família e Comunidade, que há 03 anos a agente não tinha residente, a gente entrou agora nesse movimento com o Ministério da Saúde, com área de Gestão do Trabalho e a Educação Permanente em Saúde, em universalizar as vagas de residência, mais os programas onde vai ser obrigatório fazer 01 ano na geral e de família, a gente vai entrar também com a proposta na faculdade que é isso que eu fui lá fazer essa semana já, retomar esse grupo de trabalho.

JN: Professora, você já falou como foi o processo de estabelecer um diretor da faculdade de medicina no DMP. Mas e como era essa relação política do DMP antes da cisão, antes da divisão [...]

LL: Dentro da faculdade?

JN: Dentro da faculdade. Como é que o DMP era visto pelos outros colegas, pelos outros departamentos e como é que isso foi mudando, até vocês conseguirem chegar à diretoria.

LL: Na verdade assim, a fama, desde que eu entrei lá como residente. Era assim, eram os comunistas da faculdade de medicina. Como em todas, né? Sabem? Nós sempre tivemos um vínculo com os departamentos de outras, das outras universidades, então a gente sempre trocava essas figurinhas, eram os comunistas da medicina. Eram os hippies antigamente, eram os hippies que estavam lá. Era o povo que não andava de jaleco, que tinha os cabelos grandes, que trazia as pessoas diferentes para cá, que acolhiam as outras áreas, principalmente a área de humanas sempre foi muito próxima a gente em seminários e [...] eu na residência eu tinha um professor que era um filósofo da universidade e me fez ler, 18 do Brumário, introdução lá de Marx, ou seja, era área diferente dentro da medicina, e sempre fomos vistos assim. E algumas vezes com conflitos importantes, inclusive. Das concepções, quer dizer a gente compreendia as formações de um jeito, os especialistas da área clínica ou da cirúrgica, de outros, e que mais se aproximava da gente, era exatamente psiquiatras e [...]

JN: Psiquiatras e os pediatras.

LL: Os pediatras, que muitos inclusive, atuavam nos mesmos espaços, como a gente tava lá na atenção primária à saúde. Nos nossos campos de prática. E quem sempre está fora, e sempre sai do hospital e quem sempre está com os estudantes hoje, na rede básica de saúde somos nós. E um pouco da pediatria. Os outros não vão. Então, sempre fomos os diferentes, sempre. Os 30 anos, vou fazer, nunca fomos vistos assim, somos iguais. Não somos. E também não é para ser, entendeu? Não é para ser, eu acho que por isso eu defendi que não deixasse de ter, porque no início, da proposta, inclusive isso também magoou muito os meus colegas quando eu retornei para o departamento, quando eu retornei eles estavam muito magoados com essa ideia porque, na época Naomar [Almeida Filho] foi por conselho universitário propor que os departamentos com menos de 12 professores fossem extintos, que os professores se agregassem a outros departamentos dentro da faculdade. [vozes sobrepostos] E isso foi assim, eu encontrei uma turma muito magoada com essas coisas no meu retorno em 96.

TF: Isso foi quando?

LL: Nesse início de criação do instituto. Ele como diretor do instituto ele tinha assento no conselho universitário. E o departamento não tinha na verdade, era o nosso diretor, que tinha assento lá na época, professor Tomás Cruz. E até o próprio professor Tomás, que foi uma pessoa sempre muito próxima, porque foi colega de turma de alguns professores, então ele sempre foi muito carinhoso, digamos assim, com o departamento, apesar de não concordar com algumas ideias, mas [...] sempre respeitou muito, aliás, os diretores em geral, sempre, a gente sempre se impôs pelo compromisso e pelo respeito. Eu acho que essa é a história do departamento na maioria das faculdades de medicina, porque sempre tem um grupo de muita produção, de muito compromisso, quando se fazia o estudo do perfil para locação de vagas, a gente sempre estava bem colocado dentro da UFBA, chegamos a ser o 1º na UFBA, em termos de desempenho para conseguir vaga docente. Então isso, criava um ambiente de respeito, e ai ficava difícil alguém querer derrubar de uma outra forma. Então as disputas eram mais no campo ideológico, porque no compromisso de trabalho da presença, não tinha quem batesse dentro da faculdade, como não tem, ainda. Não é porque eu sou de lá não. Na história você pergunta a qualquer professor. Então isso criou um pouco, as pessoas ficaram muito magoadas com a possibilidade de extinção dos departamentos porque um departamento que ficou com 06 professores para sobreviver, num

ambiente onde você já tinha outros, com 20, com 30, nós éramos um nada, dentro da universidade.

TF: Quantos professores têm hoje no departamento?

LL: 20, 21, eu acho, mais novo. Então assim, a gente conquistou essa ampliação, por conta do desempenho já que na época, ficou sempre, o perfil. A UFBA tinha uma forma que era o perfil era por departamento para locação de vaga, hoje já não é assim, é um critério que se utiliza as cargas horárias de ensino, pesquisa e extensão por unidade, não é por departamento, mas enquanto foi por departamento, todas as distribuições nós ganhamos vagas. Não ficamos sem ganhar vaga em nenhuma. Por isso que eu digo, foi um esforço concentrado de um grupo muito enxuto, mas assim, muito dedicado. E eu nunca fui professora de dedicação exclusiva lá, sempre fui parcial. Porque eu tinha meu vínculo no Estado [...] mas, todo mundo, fazia tudo em todos os lugares. A gente tinha um pé na graduação, na residência, quem estava na graduação depois que nasceu, ninguém tirava o pé da graduação, o tempo inteiro. Então assim, é muita [...] muita [...]

TF: Você saiu da SESAB?

LL: Ainda, estou cedida a UFBA desde 2011, mas já estou para me aposentar de lá, já tenho 33 anos de secretaria.

JN: Mas mudou alguma coisa, não mudou alguma coisa, de lá para cá, que fez essa ascensão política, ou foi um processo?

LL: Não [...] Eu credito muito assim [...] foi uma sedução e uma conquista, porque para além do respeito, com o departamento internamente, eu acho que a gente terminou se aproximando mais das outras áreas por conta dessa construção das mudanças curriculares, o próprio apoio dos gestores, tanto o professor Manoel Barral, como professor [José] Tavares, o próprio departamento que eles tiveram o departamento como aliado para essas mudanças dentro da faculdade, na gestão deles. E aí assim, podia ter sido outros, segundo os estudantes não, porque eles acham que também têm diferentes perfis, dentro do departamento. Então, em gente que gosta mais da gestão, que se dedica, eu gosto, eles sabem disso, eu gosto. Gosto de organizar as coisas, gosto de chamar pra organizar isso aquilo, desde as disciplinas, até o próprio departamento, eu e professora Vera Formigli, nós éramos as que andávamos com as pastinhas dos cálculos do perfil, então as contas todas do

perfil. Eu, ela e professor [Ronaldo] Jacobina. Teve até um episódio que é tragicômico, porque a gente tinha acabado de finalizar um monte de fórmula, um monte de conta, eu e Vera [Formigli] fazendo, [Ronaldo] Jacobina revisava, nós 03 nos ocupávamos dessa coisa do perfil, todo período [...]

TF: O quê que era perfil?

JN: Que perfil era esse?

LL: Era uma fórmula que a pró-reitoria de planejamento utilizava, para definir uma hierarquia entre os departamentos, 90 departamentos na época da universidade, para alocar vaga docente, as vagas novas. Então eu disse, a gente vai ter que se dedicar muito a isso, para que a gente não erre nas contas e a gente sempre tenha vaga, porque era a forma da gente crescer. Era a única forma, ou conquistando colegas no departamento para vir para o nosso, o que era difícil, porque ninguém queria vir, por quê? Porque a gente cobrava carga horária, porque a gente discutia publicamente o plano de trabalho dos professores. A gente faz PIT e RIT todo semestre, nem todos fazem. Então era conquistar pelo nosso desempenho, que era essa história do perfil do departamento que levava em conta a carga horária alocada para o ensino para pesquisa, para extensão, a produção. E aí a gente fazia isso toda vez que ia ter. Oh, vai ter distribuição de vagas. A pró-reitoria de planejamento dizia: todo mundo fazer seu perfil, para gente fazer e hierarquizar. E nós tínhamos acabado de fazer um desses anos, que eu não me lembro qual foi, eu Vera [Formigli] e professor [Ronaldo] Jacobina, isso quando nós saímos de nosso pavilhão de aulas ali no Canela, professor [Ronaldo] Jacobina estava com essas pastas que ele levava para casa pra revisar, antes da gente encaminhar pra pró-reitoria, ele entrou no carro, ele foi sequestrado. Com essas pastas dentro do carro. [risos] E aí, eu rio disso até hoje com ele, porque quando ele ligou pra gente, aí foi sequestrado, deixaram ele na lá BR, depois ele terminou voltando, e encontrando o carro, ele conta essa história bem engraçada [...]

TF: Com as pastas e tudo. Ele e as pastas. [risos]

LL: Com as pastas, e todos os cálculos prontos e os originais! Quando ele liga para dizer para gente, só soube no dia seguinte, porque ele chegou em casa de madrugada. Enfim, quando ele informou, eu fiz: Jacó, e as nossas pastas do perfil? [risos]

LL: Ele só faltou me matar! Eu trêmulo, eu não sabia onde ia parar, os sequestradores me

entregaram não sei quantos reais lá, só para eu pegar o ônibus de volta da BR. Eu não sabia nem voltar.

TF: [?]

LL: E você me pergunta, ao invés de perguntar por mim, você me pergunta pelas pastas pela pastas do perfil? Eu disse desculpe, mas eu passo quanto, quando a gente está calculando isso toda vez, eu durmo e acordo pensando naquelas contas. Até finalizar onde a gente vai ficar pra receber vaga eu não sossego. Depois a gente resolveu um pouco isso, ele ficou chateado comigo ao invés de eu ter perguntar sobre ele, como é que ele estava, eu perguntei pelas pastas do departamento. [risos] Pelas pastas do arquivo [...]

TF: Que foram não encontradas?

LL: Não, foram dentro do carro dele, devolveram o carro com as pastas, porque os sequestradores avisaram a ele. Ele foi conversando com os sequestradores o tempo inteiro, dizendo que ele era professor, que a arma dele era a caneta e a sala e não sei o que.

JN: Típico de Jacó?

LL: Vocês conversaram com ele?

JN: Sim.

LL: Vocês imaginem [Ronaldo] Jacobina relatando esse episódio.

JN:[?]

LL: Morrendo de medo. Morrendo de medo, e ele ainda conversando e o cara mandava ele calar a boca e ele, querendo falar [...] Não nós vamos usar seu carro para um serviço, porque a gente é pai de família também, mas vamos deixar no estacionamento do supermercado extra, você vai lá depois e pega, e estava. E como, só não estava o toca fita, lá o negócio, mas o resto. As pastas não iam interessar a ninguém. Um monte de papel, com um monte de conta, PIT de professor, estava lá. Como eu fiz questão, a pasta voltou o arquivo.

TF: Voltando só uma coisinha assim, que eu acho que interessa muito para gente, em termos de terminologias utilizadas como saúde coletiva, então a gente tem: medicina social, medicina preventiva, medicina comunitária, saúde pública [...] dá uma [...]

LL: É só um exemplo. Eu fiz residência em medicina preventiva e social com ênfase em epidemiologia. Fiz um mestrado de saúde comunitária, que ainda era o nome do nosso mestrado. Na verdade o doutorado, eu não fiz lá, que era medicina e saúde, que era multiprofissional também, mas já era o doutorado de saúde coletiva lá. Na época, então assim, a depender da conjuntura semântica [risos] no campo, os programas tinham os nomes. A residência era medicina preventiva e social, com ênfase em políticas, epidemiologia ou saúde do trabalhador.

TF: E o quê que diferenciava isso? Você vê essa diferença entre essas terminologias?

LL: Olha na prática, vou lhe ser muito sincera. E se a gente, eu sei que tem uma discussão muito fundamentada no campo da saúde coletiva, o que eu percebo é assim, você traz outras interpretações para o campo, mas que de alguma forma a gente já trazia lá adjetivando epidemiologia social, que era você trazer o apoio importante das Ciências Sociais em Saúde. Que assim, eu acho que isso se firma muito mais nessa concepção da saúde coletiva.

TF: E o que é a saúde coletiva para você?

LL: Para mim, é o campo que a gente traz da história lá do [George] Rosen, da Polícia Médica, e vai agregando conhecimento para chegar na atualidade, ou seja, o enfrentamento que a gente tem hoje dos problemas que acometem as pessoas, interpretando eles de uma forma, que as políticas sociais deveriam interpretar, ou seja, fora do campo biológico somente. Porque é isso que aprendi a vida inteira, é a forma de você ver, a determinação do processo saúde e doença e a forma de intervir sobre eles. No fundo, no fundo, se a gente tirar todos os adjetivos que a gente deu ao longo do tempo, que é o que eu digo, de quando eu entrei na residência de medicina preventiva e social, a chegar à docente, a chegar à expressão de saúde coletiva, qual é a essência disso? É a forma de encarar o problema e a forma de intervir sobre eles. Que acometem as pessoas. Seja no campo do trabalho, seja no cotidiano fora do ambiente de trabalho, na relação, saúde, ambiente e trabalho, nas doenças crônicas, nas doenças agudas infecciosas, é isso que a gente tem aperfeiçoado. É trazer novos olhares, novos conhecimentos e novos instrumentos para enfrentamento disso, porque é a razão de ser do nosso campo.

TF: E a saúde pública, o que seria para você?

LL: Também, mas aí de uma forma restrita porque [...]

TF: Terminologia em saúde pública?

LL: Foi a discussão que a gente teve no departamento com o nome, porque a gente manter Departamento de Medicina Preventiva [...]

JN: Medicina Preventiva.

LL: E Social? Porque na prática a gente termina fazendo as mesmas coisas. [risos] Por isso que eu digo tudo bem. Foi uma escolha de vocês, o nome já tava esse, eu não vou querer mudar nada. Mas eu acho que conjunturalmente, digamos assim, a gente podia ter avançado para o mesmo nome sem nenhum problema do que a gente faz hoje. Porque o que o grupo que está no instituto faz, a gente também faz.

TF: Você achava que deveria, eles deveriam ter saído para o instituto ao invés de ficar no departamento?

LL: Não, eu acho que a questão do nome foi o que menos importou, foi o que eu disse ao departamento. Para mim, o que menos importou foi a nomenclatura. Porque eu compreendo isso, como um avanço a partir dos saberes que a gente vai agregando ao longo dessa história. A forma de você interpretar os fenômenos lá, nos anos, no século passado, a gente interpreta hoje com mais clareza, utilizando novos saberes e novas ferramentas para isso, para apreensão e para intervenção. Que eu acho que o sentido do nome tem a ver com isso, as formas de interpretar ao longo do tempo. Que a gente, isso é hoje muito mais abrangente hoje. Não é a toa que dentro do próprio campo da saúde coletiva, você, ainda hoje, tem as tensões, das ciências sociais, da epidemiologia. Isso é hoje uma tensão importante dentro do campo da saúde coletiva hoje. E quem ta com o nome de Preventiva e Social também têm porque os campos [...]

TF: Qual seria a diferença?

LL: Porque os campos são iguais!

TF: Isso. Qual seria a diferença entre o campo de Medicina Preventiva e Social e o Instituto de Saúde Coletiva? Hoje, que você veria?

LL: Na prática eu não vejo nenhuma em termos dos objetos de trabalho, porque como

lhe disse, a gente hoje se dedica muito mais a formação médica, e o campo, digamos assim, específico da saúde coletiva que a gente trabalha que é saúde e ambiente de trabalho, trabalha em sintonia com o instituto. Produzindo junto, fazendo tese junto, construindo projetos juntos, buscando financiamento juntos, ou seja, nós estamos no mesmo campo. Então, eu acho que o nome é muito conjuntural a partir do que a gente vai, agregando ao longo do tempo.

TF: Nunca houve [...] me apareceu agora essa idéia, nunca houve por parte da universidade uma perspectiva de juntar de novo?

LL: Eu acho que não, porque assim o instituto não vai se subordinar mais a faculdade porque é uma outra unidade da universidade, é outra estrutura, já avançou.

TF: É uma questão estrutural?

LL: É, e eu acho que também assim, a própria construção e a permanência do departamento na faculdade, eu acho que precisa ser preservada porque, a gente viu, e o próprio instituto identifica isso hoje, o quanto foi importante a gente ter permanecido lá. Eu poderia ter dado diferente, não estou dizendo que a responsabilidade do que aconteceu de melhoria do curso, tudo foi só porque nós estávamos lá não, mas até hoje, a nossa história, nós tensionamos a questão da formação. Continua com o departamento, desde os anos 80, que eu me entendo, que já era o departamento que tensionava que continua sendo. Então todos os momentos de discussão de mudanças de necessidades de mudanças você vai ver que a preventiva está lá. Então essa história ainda carrega. Não sei se juntar, porque eu acho que a gente não ia [...] a gente ia abandonar um campo, que é a formação médica, que é um campo que a gente sempre desejou influenciar. Desde que eu me entendi enquanto departamento, ainda residente, isso já existia. O desejo de mudar a formação de responder mais aos problemas sociais da população, de vincular mais essa formação à realidade, de estar mais no sistema de saúde, isso continua sendo um desejo tanto do instituto como do departamento nas suas práticas. Quer dizer, as discussões que o instituto faz em políticas de saúde dentro do nosso curso, não está fora de sintonia com o que a gente discute nas outras disciplinas nossas, entendeu? No olhar, na forma de intervir, na forma de interpretar. Isso a gente se soma dentro da formação médica, por isso que [...]

JN: Professora, os médicos hoje, os professores do DMPS, eles têm uma formação muito grande dentro do instituto a essa relação fazendo doutorado ou mestrado dentro do Instituto

de Saúde Coletiva?

LL: Temos, alguns professores nossos foram da pós-graduação de lá. Formado já pelo instituto, enquanto instituto, eu ainda fui departamento como outros mais antigos.

JN: Sim.

LL: Mas os mais recentes não.

JN: Foram de lá.

LL: Temos, de lá.

JN: E isso contribui para essa prática ser muito próxima um do outro, então?

LL: Para algumas áreas sim, outras nem tanto. Porque assim, nós temos professores que foram formados por lá que estão conosco, mas que também estão na universidade estadual como tem gente que é de Feira, que terminou o doutorado lá, mas que é docente da gente também. Então às vezes, a depender o do perfil do docente, não faz muito essa ligação. Mas outros, por exemplo, nós temos alguns que foram egressos do curso, que foram egressos do antigo departamento, esses não têm o vínculo. Esses professores do programa de pós-graduação mesmo, Paulo Pena, Mônica Angelim, Marco Rêgo, foram residentes comigo do departamento na época. Então isso fatalmente existe. De sentar, a gente está organizando uma mesa para um congresso agora, que eu propus Paulo Pena, Vilma Santana, nós estamos juntos na mesa, a mesa é nossa.

TF: Deixa eu te perguntar, independente da conjuntura atualíssima, nos últimos [...]

LL: Essa loucura que nós estamos vivendo.

TF: Nos últimos 05 meses, 04 meses, principalmente os 20 dias. Façamos de conta que estamos antes desse período. [risos] Qual sua avaliação do SUS? Desde sua formação, antes dessa ameaça agora, catastrófica?

LL: Na verdade a gente já vinha discutindo muito isso, vocês sabem que Jairnilson [Paim] e outros colegas nossos retomamos os CEBES aqui. A discussão dos CEBES, das plenárias do CEBES, eu participei em muitas com eles, recentemente, até não tive muito tempo não. Mas a gente retomou muito isso, e as próprias discussões que nós começamos a fazer, tanto lá no instituto, o quanto fizemos enquanto departamento, seminários outros que nós

participamos, a própria gestão estadual, na gestão de Sólon, nós fizemos muito isso, juntos inclusive, porque Sólon também puxava ajuda dos dois lados e a gente sempre esteve junto na gestão, apoiando ele. A gente já vinha se manifestando com muita preocupação. Na verdade, essa questão do SUS, é progressiva. Assim de uma certa deterioração do financiamento. De algumas, de algumas regras internas, e muita flexibilização para umas parcerias, então, não só Jairnilson [Paim] sinalizava, como nós fizemos debates importantes dentro da gestão dos riscos que a gente estava percebendo de rompimento com a concepção que a gente lutou tanto para construir e tentamos imprimir em constituição, lei orgânica, o quanto isso vinha degringolando, digamos assim. Agora só é piora na verdade, porque eu lembro que 2014, acho que foi 2014, nós fizemos um seminário, eu já não estava mais lá na secretaria, estava na faculdade, nós fizemos um seminário inclusive foi feito lá no Terreiro em parceria com a secretaria, com Escola de Administração, sobre a questão de sistemas de saúde. O pessoal de Cuba estava aqui, que a gente estava trabalhando com o Programa Mais Médicos e fizemos uma discussão em relação a isso. E foi uma mesa muito interessante onde a gente tinha figuras, Jairnilson [Paim] participou, mas tinham pessoas de outros locais, ficou muito claro para todo mundo, os riscos que a gente estava correndo, porque a gente começou a identificar no decorrer dos anos, assim, a questão do financiamento sempre foi muito grave, sempre toda a vez que se discutia o orçamento no Congresso Nacional, e se colocou em risco, a questão do financiamento da saúde. Essa falta de definição concreta do quanto ia se atender às demandas do Sistema Único de Saúde, elas foram só piorando ao longo do tempo. Então a gente nunca consegui, pelo menos esse era um certo consenso entre nós, nunca conseguiu ficar confortável com relação ao sistema que nós ajudamos a conceber e batalhando para [...] eu especialmente na gestão mesmo do Sistema de Saúde para implantar essas, essas ações. Então sempre foi muito difícil. Isso tanto no âmbito federal, quanto nos estados e municípios. É porque é dinheiro demais, é porque quer atender a todas as demandas, querem resolver todos os direitos de todo mundo por dentro do sistema de saúde, então essa discussão é permanente.

JN: A taxa de atendimento de saúde, ela também foi sendo prejudicada ou houve alguma melhora nos últimos anos?

LL: Olha, não. Se eu considerar no Estado da Bahia, se ampliou bastante coisas, em termos de oferta. Isso a gente não tem dúvida. E, e da área que eu sempre vivenciei, que é esse campo da vigilância, eu acho que nós nos consolidamos como área importante dentro do

SUS, nacionalmente inclusive. Nós tínhamos um programa de imunização que é exemplo para o mundo. Todas as campanhas de vacina, enquanto nós fazíamos aquelas campanhas ainda grandes, nós tínhamos observadores externos de vários países aqui no Estado. E a própria construção dos instrumentos normativos jurídico dos sistemas, manuais de normas e procedimentos, eu acho que o sistema avançou, isso não tenho dúvida. Eu, quando discutia isso com os estudantes, eu dizia a eles: olha, quando eu entrei na secretaria do início de, dos anos 80, porque rapidamente eu saí da assistência, e fui para, em 87, eu já estava entrando nesse campo da construção da vigilância na SESAB, eu alcancei vacina, ser jogada de avião na zona oeste do Estado porque não tinha acesso. Nenhum município executava nada. Eu me desloquei nesse estado inteiro, eu conheço mais da metade dos municípios da Bahia, dos 417. Porque a gente viajava de tudo que você imaginar. Não tinha avião para o interior, a gente tinha que se deslocar de carro, às vezes 14 horas, como era p ir para o município que o Estado era muito grande, para fazer um bloqueio vacinal. A partir da notificação que chegava por fax, campanha de vacina. A gente fazia, operacionalizava, com não sei quantos telefones do lado todo mundo o tempo inteiro fazendo, para pegar as informações. Se alguma ocorrência acontecesse sarampo, a gente só contava casos internados, os outros não dava para contar, dos milhares que eram, isso anos 80, então mudou muito. Isso eu não tenho dúvida, agora a gente podia ter avançado muito mais. Então um sistema concebido como universal com uma hierarquia em relação aos poderes em termos de centralizar em cada esfera de gestão, esse comando. Eu acho que tem limites e possibilidades. Eu acho que se avançou muito nas possibilidades e a gente não deu os limites aos parceiros, como se precisava ter dado, por exemplo. Eu acho que fazer parcerias muito nocivas ao sistema que foram feitas, por, para não investir mais recurso próprio, que eu acho que isso acontece muito quando, você começa a construir as PPPs, as concessões das organizações sociais, porque isso é uma forma reduzir investimento público no sistema. Então isso a gente começou a deteriorar uma, uma concepção que você vai perdendo o controle. Nós temos hoje grandes hospitais em pólos importantes no Estado da Bahia. Só se fazia cirurgia ortopédica e neurológica na Bahia em Salvador. Hoje a gente faz em vários lugares. Hoje você tem centro de referência para oncologia fora de Salvador, de imagem também, [?] fora de Salvador. De imagem também, grandes estruturas fora de Salvador. É avanço é, mas a gente pagou caro por isso. Está pagando [risos]. Então assim, eu sei que as [...] mas querer tudo somente com dinheiro público? Gente foi isso que a gente concebeu. Isso é política pública, é direito social, a gente tem que trabalhar nessa perspectiva. Então

eu acho que se ficou muito maleável a determinadas concepções, de parcerias e de financiamentos e isso eu acho que foi fugindomuito ao controle, da concepção.

JN: Essas parcerias público-privadas, elas trazem que consonantes? Que problemas, que qualidades? No que ela vem prejudicando no processo?

LL: Não de qualidade eu nem lhe digo, mas eu vou lhe dizer assim. Onde é que uma pessoa que, assumi um contrato, que ele não ganha por produção, que ele ganha fixo pra fazer a gestão daquele hospital, onde é que vai ter lucro? Deixando de fazer coisas, certo? Não tem outra matemática. Então se eu concedo uma organização social, sabendo que o faturamento vem para secretaria, que eu vou lhe pagar x digamos, eu vou lhe pagar 2.000.000,00 (dois milhões) por mês para você gerenciar o hospital regional tal. Que vai ofertar isso, isso, isso tem lá as metas no contrato, tudo direitinho. Onde é que vai entrar, onde é que essa margem de lucro vai aumentar e quem está fazendo isso não vai querer perder recurso. E deixando de fazer coisas. Então as queixas vêm desde: ah, está começando a botar os exames, só faz exames para quem está internado. Quem está no ambulatório não vai fazer mais, vai fazer solto por aí, pelo SUS, não assume mais o ambulatório. Então são pequenas coisas estratégicas que os gestores vão se utilizando que você vê que as coisas vão degringolando, dentro do sistema. Às vezes nós temos hospital PPP, o nosso hospital aqui de trauma.

JN: [?]

LL: Todo mundo que consegue chegar lá para ser atendido, elogia, realmente. Inclusive é um campo de prática nosso do curso. Na área de urgência e emergência. Elogia, mas tem uma série de queixa dos trabalhadores, os pacientes, são os que menos têm queixa. Porque quem chega lá resolve o problema, para chegar lá e que é o problema. Entendeu? Não a localização, só. O acesso.

JN: O acesso.

LL: Que aí você vai ter um sistema de regulação, que não dá conta, eu só regulo o que existe, eu não vou regular além do que existe. Então assim, se flexibilizou muito nas relações. O Estado, eu continuo defendendo que na área de saúde e de educação tem que ter um Estado forte sim, com políticas [...] [interrupção - alguém entra no ambiente] então assim eu acho que é diferente, eu dou sempre esse exemplo, é diferente, mas podia estar

muito melhor. Eu vivi, outro sistema, eu sou pré-SUS.

TF: Pré-SUS.

[risos]

LL: Vivi o SUDS, vivi o CONASP. Eu lembro que eu preparei seminários sobre a portaria do CONASP, eu na residência. Eu não me esqueço desse dia não, porque foi o dia que rompeu minha bolsa, e eu fui parir depois, ao invés de apresentar o seminário eu fui para a maternidade, com professora Inês Lessa. Foi por aí [risos], mas [...]

JN: Professora, mais umas perguntinhas, coisas simples, é sobre o perfil dos alunos. Qual é o perfil dos alunos de medicina hoje que ainda estão entrando? Como é que eles entram dentro da faculdade?

LL: Hoje tem bastante diferente. É outra coisa que eu falo, eu passei 20 anos na Faculdade de Medicina recebendo alunos das mesmas escolas e às vezes das mesmas famílias. A partir das cotas, isso foi uma coisa que a gente defendeu, foi uma das posições de tensão dentro da, da faculdade, porque a gente defendeu isso, de forma muito explícita, a importância para uma política pública de educação e a universidade pública se posicionar dessa forma, tem uns professores que até hoje não aceitam dentro da faculdade. Mas isso já está mais, já tem uma coisa mais ampliada lá dentro, de discussão, de posição mesmo, mas ainda tem alguns que se vê [...] de onde ele vem, ele não vai concordar com isso. Mas, enfim, mas é bastante diferente. Eu acho que isso trouxe a realidade para dentro da faculdade. O mundo real, eu digo isso, porque eu recebia, na semana dos calouros, todas as famílias com eles, isso foi uma prática instituída, dentro da gestão do professor [José] Tavares, para apresentar o curso para as famílias, pedir o apoio das famílias no acompanhamento deles, que é um curso longo. Então a gente tem essa semana, só com os calouros onde as famílias participam. E você vê as histórias de cada um, que chegam hoje. Então nós temos indígena aldeado, temos quilombola, temos muitos alunos, metade vem com essa história da escola pública. Então isso traz uma discussão para dentro do ambiente da faculdade que nunca existiu. Então eles trazem questões e problemas para serem discutidos e enfrentados que não existiam antes. Na reforma do pavilhão de aulas, eu acolhi uma proposta, discuti com os arquitetos que a gente tinha que ter uma copa em cada andar porque hoje, mais da metade dos estudantes trazem marmita para almoçar. Porque eles moram fora do centro da cidade, e precisam ficar ali para se alimentar, porque não tem dinheiro pra comer em restaurante todo

dia.

TF: Porque é muito melhor trazer de casa.

LL: Então a gente colocou geladeira, microondas e uma copa em cada piso da faculdade. Ah, um lugar para descansar. Fizemos uma sala de descanso. Com os tatames com as almofadas do jeito que eles precisavam porque eu ficava angustiada que eu subia, eu vinha do Terreiro, entrava no pavilhão de aula no Canela, tinha aluno dormindo pelas escadas nos intervalos das aulas, porque quem mora em São Gonçalo do Retiro, mora em Paripe, Alto de Coutos, ele não vai sair porque tem um intervalo de uma aula, ele vai sair para ir em casa descansar, não vai. Ele sai de casa 07, 06 [horas] da manhã, porque tem aula as 07 e vai até as 18, 19 [horas] com a gente. Aí a gente criou uma sala de repouso, ou seja, demandas que eles trouxeram, eu estou falando coisas mais práticas, mas discussões políticas também de necessidades, a questão das, dos diferentes estarem presentes no mesmo ambiente. Então você tem muito mais alunos negros, você tem os homossexuais assumidos, uma comunidade LGBT e se organizam, o movimento negro. Isso hoje tem dentro da Faculdade de Medicina e a gente não tinha isso. Não é que não tivessem LGBT não, mas era tudo muito [...] hoje não, a coisa é explícita. Eles fazem eventos que a gente apóia, tem o MEDCUT, que eles organizam, é diferente o ambiente da faculdade hoje, e eu acho que isso é muito mais saudável porque é um espaço de aprendizado também para os outros.

JN: E a relação deles, dos 50 com os 50?

LL: Ah, tem conflitos, tem conflitos importantes. E a gente tem que mediar e garantir espaço para todos, isso é difícil. Tinha eventos lá que era assim: um grupo do ano de 2012 para 2013, um grupo que assumiu o diretório acadêmico, que era, eu chamava, está gravando né? Ala jovem do DEM. [risos] Que eu dizia isso, que os meninos eram de uma […] gente [...] quase fascistas, mas assim, terríveis, terríveis. Então. Ah, a senhora autorizou esse evento aqui? Eu viajando, a vez eu estava lá no Rio, com Medronho, aí eles me mandaram uma foto. Um grupo do diretório mandou a foto dizendo que os meninos estavam pintando, botando as cores da bandeira, nos degraus da escada. Eles colaram as cores da bandeira LGBT e estavam pendurando uns tecidos, porque tinham umas alunas de dança que iam fazer uns números de tecido no trapézio, e ele estava achando aquilo, olha como o prédio da faculdade está. E tiravam as fotos e mandavam para mim, e eu dizia: eles

vão tirar depois, aí eu tinha que ficar contemporizando. É um evento, o espaço é de todos eles vão ter de se manifestar o espaço é de todos, a festa está autorizada, é uma comemoração que eles vão fazer. Eles levaram o pessoal de artes para fazer as pinturas, e a oficina das telas, e os outros achando aquilo ridículo. Sempre com os meninos [...] gente eu vou ter que, eu vou ter que fazer esse meio de campo aí até o fim de ano, mas eu não vou pode deixar. Quando chegou a época da eleição, aí foi que esquentou. Porque eles achavam que, só porque eles estavam no diretório, só eles poderiam se manifestar e tinham que impor a regra. Não, mas não vai mesmo. Aí chamei pra conversar. Todo o espaço é democrático, então a gente vai ter que permitir que todos se manifestem. Aí eles fizeram adesivo de Aécio aí o outro grupo, vinha de camisa vermelha. Só que o fórum acadêmico de saúde da universidade, eu disse: meninos, vocês são um coletivo, vocês têm que fortalecer aqui dentro. O fórum acadêmico de saúde, majoritariamente são estudantes cotistas dos outros cursos, são cursos inclusive da universidade onde já entravam outros alunos que não eram semelhantes aos nossos, então ele se fortaleceu, eles têm um coletivo lá hoje que é o "Além do que se vê". Que é esse grupo que acolhe a diversidade. Foram verdadeiras guerras dentro do outro prédio, no período da eleição. Aí um tirava foto da manifestação de um, outro tirava do outro, aí ficavam me mandando as fotos, eu ignorava: se um tem direito, então o outro também vai fazer. Estão fazendo aqui uma batucada, com os adesivos de Dilma e a camisa vermelha. Eu disse, eu não vou responder. [?] você não vai responder, deixa os meninos fazerem. Vão tirar foto na frente da faculdade, a faculdade não vai se posicionar? Eu digo: Vocês não tiraram foto de vocês de camiseta azul? Com o 45? Eles vão tirar também.

TF: Entendi.

LL: E fui levando, levando, mas eu tive que garantir a manifestação de todos se não [...] pelo amor de Deus. Mas é difícil às vezes viu? Coisas internas de turmas, às vezes se manifestando por um detalhe que não era explícito, mas você percebia o que era que estava por trás. A natureza do questionamento era outra. Às vezes uma questão racial, ou porque os meninos. Aí eles também provocavam, tinha uns que vinham fazer oficina de turbante. [risos] E aí os estudantes, são excelentes alunos, por sinal, são assumidos homossexuais com apoio da família? Aí, o professor veio: quer dizer que agora é permitido você ver aluno namorando, menina namorando com menina [...] eu digo: é a primeira vez que você está vendo isso na sua vida? Está vendo que a gente estava fora do mundo real aqui dentro? Ou

as coisas estavam escondidas, ou então eles têm liberdade, não está agredindo ninguém, ninguém está se agarrando aqui dentro, mas você sabe que tem casais homossexuais hoje dentro da faculdade. E a gente antes nem sabia, mas tinha. Inclusive professores, aí pronto. Acabou a conversa, esse assunto não vem mais porque todo mundo sabia, mas era tudo. Porque que eles não podem se manifestar? Então isso é hoje, mais liberal. Digamos assim. [risos]

JN: E a influência desses perfis, tanto dos professores tanto dos alunos na formação médica e na prática médica. Como é que está?

LL: Olha por incrível que pareça, eu relaciono um pouco da gente, até começar a preencher vagas do nosso Programa de Medicina Família e Comunidade, a essa turma que é muito mais sensível à causa da atenção primária. Porque muitos vêm de lugares onde não tem assistência médica, então assim, eles começaram a vivenciar a gente mantendo um estágio de vivência no SUS no início do curso, e você já vê que alguns já se identificam com aquele espaço de cuidado. E começam a se dedicar a isso, nós fizemos estágio no Vale do Capão gente, já. Com os internos de 5º ano, com Áureo lá e eles voltam encantados. Agora a gente está tentando fazer a parceria formalizar com a secretaria de saúde lá de Palmeiras, que o Vale pertence a esse município, então assim, essa turma trouxe uma diferença saudável, eu acho, para o ambiente. E fazer com os outros também reflitam sobre essas questões. As diferenças vão existir sempre como existem no mundo, agora o que não podia era o curso de medicina totalmente asséptico, como se nada disso existisse, quer dizer as pessoas impedidas do acesso, não chegavam e a gente tem cada talento que vem chegando. Eu estou orientando um menino que ele é do interior de uma cidade de Minas que tem 5.000 habitantes. Lassance. Já ouviu falar?

TF: Onde nasceu o Oswaldo Cruz?

LL: Pois é, não.

TF: Ou Carlos Chagas.

LL: Trabalhador, e os pais são trabalhadores rurais. A mãe não conhece nem Belo Horizonte, o pai e a mãe dele não conheciam nem Belo Horizonte. Esse menino já foi fazer estágio na câmara federal. Se envolve em todos os projetos da universidade. Tem leituras, que muitos não têm. É antenado com o mundo, o Rodrigo. É impressionante. Você precisa

ver, ele não me larga o *whatsapp*. Todo dia tem mensagem dele no *whatsapp*. Eu digo, eu só sou sua orientadora de TCC, mas não adianta. Então ele já questiona, ele traz questionamentos que às vezes você não vê de um aluno que frequentou outros ambientes e outras escolas. Também o fato dele vir lá de um lugar, que ninguém conhecia que existia, porque eu mesmo nem sabia da cidade dele. E ele se coloca, hoje ele é coordenador do diretório acadêmico, inclusive. Ele conseguiu fazer uma composição com os grupos, majoritariamente está esse coletivo de volta, "Além do que se vê" que é o grupo que ele faz parte, mas assim, eu acho que eles dão um banho de coisas que os outros precisam aprender, e saber, conviver e lidar. Então isso também eu achei que foi muito importante, eles acham que tiveram muito espaço, por causa da nossa gestão, eu e [Luis Fernando] Adan, porque a gente não é duro em relação a isso. Então eu disse a gente vai ter que fazer essa sucessão com vocês. Mas para nossa surpresa, nem os departamentos que eu mantive um fórum todo final de mês eu reunia os 09 chefes de departamentos comigo e o colegiado, que foi uma forma também de [...] delegando para chefia de departamento algumas demandas que o colegiado tinha e nunca consegui na interlocução direta, então a gente, até oficina de trabalho com chefe de departamento a gente fez. E aí atualizamos todo o programa de curso, fomos tocando as rotinas e as demandas que o colegiado trazia com essa cumplicidade com o chefe. No final da gestão, eu disse a eles, vamos começar a discutir o processo sucessório, vocês sabem que eu não sou candidata a reeleição, eu assumi o compromisso de ficar 4 anos, para a gente continuar com a implementação de alguns processo de trabalho, fiz uma reforma administrativa, rearrumei algumas coisas no curso, mas o compromisso foi de ficar 04 anos e ajudar vocês na passagem para próxima gestão. Nenhum departamento lançou candidato e me disseram isso: não, a gente não vai ter candidato. Mesmo quem não votou na gente, terminou o vice de [Luis Fernando] Adan, é de um departamento que não nos apoiou, na eleição nossa de 2010 para 2011. E foi o chefe, um dos chefes que mais trabalhou com a gente para as mudanças necessárias na área de cirurgia do curso. Então assim, eu digo sempre a [Luis Fernando] Adan, eu acho que a gente conquistou ele. Na verdade, no jeito de lidar, no jeito de atuar. A gente nunca batia de frente, mas a gente ia chegando junto, foi o Departamento de Cirurgia, que mais me levou nas plenárias de departamento para eu falar do curso. Aí eu disse: [Luis Fernando] Adan, [José] Valber vai ser seu vice. A gente vai ter que botar Valber aqui, que a gente vai ter que amarrar a cirurgia para continuar e é um vício, que ele é um professor presente, é bem acolhido pelos estudantes, porque ele é um cirurgião plástico, super tranquilo. Adora aluno

de graduação, é implantou coisas que os meninos gostam no curso. A cirurgia ambulatorial, a cirurgia plástica, mas como reparadora da questão das queimaduras, o que é importante para um médico saber na cirurgia plástica, um generalista? Ele começou a trabalhar nessa lógica, então ele foi conquistando os estudantes também, e toda vez ele dizia: mas Lorene [Pinto] eu não consigo aquela turma [...] ela não consegue enfrentar o coletivo dele. E eu apoiei ele nisso. Então eu ia pra plenária do departamento. Ele era vice-chefe, depois virou chefe. Você vai lá na plenária do departamento? Eu queria que você falasse lá da necessidade de mudança do nosso internato, do nosso currículo. E aí eu ia. Então eu acho que isso foi, a gente foi conquistando. Com alguns a gente não tinha problema, o pessoa da patologia, que era outro departamento, também bem comprometido, muito, muito presente também na faculdade. Então eu acho que isso foi essa conquista. No final eles disseram: não, nós vamos ter, vocês se virem, vocês dois. Ou você continua ou você Adam entra. Então a gente não teve uma eleição, foi um único candidato. Foram quase 900 votos dentro da faculdade entre estudantes e professores e nós somos 40 servidores no administrativo o resto, eu digo: olha de um jeito eu de outro a gente foi conquistando, agora, eu não o que será, porque o meu vice virou diretor e ele disse que também não é candidato para reeleição.

TF: Estou bem. Foi ótima sua entrevista.

JN: Adorei

LL: É muita agitação?

TF: [?]

LL: Eu não consigo, e descolar de lá não. Eu estou aqui, mas assim, é demanda é professor.